



PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE DESLIZAMENTO DE COMPORTAMENTOS.

PSYCHOANALYSIS AT EDUCATION: A BEHAVIOR LAPSE EXPERIENCE.

Laiza francielli Bortolini Santos ¹

RESUMO: Diante das novas concepções relativas ao paradigma da comunicação, concepções esperadas e necessárias na educação atual, encontramos professoras que, em sua prática, tem dificuldades de escutar o que o aluno lhe demanda. Essas professoras foram construídas em meio a um discurso educacional opressor da mulher, que as coloca numa posição de passividade e infantilidade, postura esta que elas mantêm em seus alunos. Este artigo nos traz uma experiência de mudança de postura das professoras situadas em uma escola específica a partir de um trabalho baseado na escuta e referencial da psicanálise. A partir dele propomos uma reflexão do trabalho psicanalítico no meio educacional, não como promotor da mudança de posição da mulher professora e oprimida, mas como possibilitador do deslizamento de sofrimentos que impedem uma prática mais gratificante para professores e alunos, tanto em relação às aprendizagens, como nas relações sociais na escola.

PALAVRAS – CHAVE: inconsciente, grupo, tomada de consciência, sofrimento, mudança de comportamento.

ABSTRACT: In the face of new conceptions on the paradigm of communication, conceptions expected and necessary in education today, teachers find that in your practice, have difficulties to hear what the student you demand. These teachers were built in the middle of a speech of educational oppressor woman, which poses a position of passivity and child, this attitude that keeps them in their students. This brings us an experience of a change of attitude of the teachers in a school in particular from a work based on listening and referential of psychoanalysis. Since it propose a reflection of the psychoanalytic work in the educational, not a promoter of change of position of the woman teacher and oppressed, but as allows the slip of suffering that prevent a practice more rewarding for teachers and students, both in relation to learning, as social relationships at school.

¹ Psicóloga, mestranda em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ – Universidade Regional do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. laizabortolini@yahoo.com.br



KEYWORDS: unconscious, group, awareness, suffering, change of behavior.

Sabemos que, atualmente, as necessidades educacionais apontam para uma nova concepção de educação: estamos hoje numa transição de paradigmas educacionais. De um paradigma metafísico ou paradigma das essências, onde o professor detinha o conhecimento e apenas o transmitia a seus aprendizes, ao paradigma da comunicação. Este último acredita na produção de conhecimento através, e tão somente, do consenso geral de idéias, para isso é necessário que todos os envolvidos estejam neste processo, todos possuem algo a dizer e todos podem contribuir. “Cada novo coletivo em que se insere o professor em cada turma de alunos, dele exige se integre num processo vivo e original de construção de conceitos, construção sempre ligada às experiências de que, em comum, participam”. (MARQUES,1993,p.104). Além disso, este autor coloca como sem propósito uma educação que não contempla essa nova nuance:

Reconstruir a educação exigida pelos tempos mudados é o desafio maior que se impõe ao coletivo dos educadores profissionalmente empenhados no compromisso que solidariamente assumem com seus cidadãos. Seria vã a busca da universalidade da educação e o acesso a ela facilitado a todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos, se, ao mesmo tempo e antes de mais nada, não se buscasse a adequação dela as aprendizagens exigidas pelas novas formas da vida cultural, da cidadania e do trabalho. (MARQUES,1993.p.103)

Sendo a grande maioria dos professores mulheres, Alicia Fernandez defende que esta nova concepção da educação encontra barreiras na prática das professoras, que, enquanto mulheres oprimidas por um discurso educacional que as mantém numa postura e numa prática passivas, cultivam a opressão em sua prática e nos seus alunos. Nesse sentido nos fala do quanto a professora se queixa, sendo que a queixa diz de uma passividade e estagnação – provocada pelo próprio sujeito- da condição da qual se reclama. Dessa forma, há a produção de alunos com a mesma opressão: eles repetem,



possuem carência de investigação, carência de curiosidade, de crítica, falta gosto pela competição, dúvida e questionamento. Os que diferem deste modelo são caracterizados como alunos problema. Nas palavras da autora:

Há um repetente exitoso (que não se preocupa nem se o chamarem de repetente): é o que se acomoda ao sistema, imita, não repete o ano, mas repete textos de outros, repete consignas, submete-se, não pensa, mas triunfa porque repete o que os outros querem. A este repetente ninguém encaminha a psicopedagogia, ainda que devesse estar em nossos principais objetivos de trabalho preventivo. Há outro, a que se chama repetente por repetir o ano. O fracasso na escolarização da maioria deles é um problema reativo a um sistema que não os aceita, que não reconhece seu saber e os obriga a acumular conhecimentos. (FERNÁNDEZ, 1991, p.88)

Um dos principais reflexos destas questões, talvez o mais comum deles, é o pedido que vem de forma massiva nas escolas: “como alcançamos a disciplina na escola hoje?” pedido que repousa sobre a afirmação de que as crianças e adolescentes mudaram (estão indisciplinados) e precisam se readaptar. Segundo Arroyo é uma tentativa de que o aluno retorne a seu “não tenho nada a dizer” para que o professor volte a “profetizar”. Segundo o autor, a partir desta situação surge o medo do infantil e da adolescência, que na escola retorna ao aluno na forma de repressão. Afinal, a escola sempre foi o lugar da repressão e da regra.

Para trabalhar esta questão o autor sugere que o educador questione o seu saber sobre o infantil e o adolescente, dedique mais tempo a estas faixas etárias, ou seja, escute o que elas têm a dizer. Já nos diz Paulo Freire que ato de educar é um diálogo e não um monólogo. Dessa forma, em lugar de profetizar a escola deve ser o lugar onde se questiona o que está concretizado, ou seja, hoje é momento de se questionar sobre a postura dos professores já que o aprendiz pede uma mudança.

Indo um pouco além do que Arroyo nos coloca, entende-se que esta escuta diz de uma necessidade de interpretação da voz do aluno pelo professor. Assim, se coloca como questão o diálogo entre professor e aluno e a dificuldade que este último tem de escutar/interpretar o que este aluno está pedindo, tanto em relação às práticas educativas, quanto nas relações sociais dentro da escola.



Durante um trabalho da área da psicologia em uma escola de um pequeno município do rio Grande do Sul, a qual chamaremos de escola F, tivemos a oportunidade de presenciar uma mudança de postura ou de comportamentos do grupo de professoras em relação aos alunos da escola: alunos que eram concebidos como indisciplinados passaram a ser vistos de outra forma.

Pode-se entender a indisciplina do aluno como uma forma de protestar contra o ensino “ultrapassado” que descrevemos e, neste relato, um primeiro passo para a compreensão deste protesto pelos professores. Esta compreensão chamamos na psicanálise de tomada de consciência, neste caso, de certos comportamentos de professores, pelos próprios professores, em uma escola.

O primeiro encontro foi realizado com os professores e foi caracterizado por muitas queixas: “Há muita indisciplina na escola, como um todo, desde a primeira até a oitava séries: os alunos respondem aos professores, falam dos professores e das nossas roupas, se isolam dos professores, e se sentem superiores aos professores.” Neste encontro pede-se a psicóloga que faça uma palestra para a turma mais indisciplinada.

Na palestra, antes de se iniciar qualquer atividade, no momento em que a psicóloga se apresentava, um dos alunos diz: “foi os profes que te chamaram para tratar os delinqüentes da --- série?”, a psicóloga pergunta: “É assim que vocês se nomeiam aqui?” a resposta: “nós não, mas as profes sim... Nós não aceitamos quietos tudo que elas dizem e é este o problema...”.Os alunos passam a falar disto a partir de então. Percebe-se que eles também se queixam, mas têm consciência de que muitas vezes tomam certas atitudes apenas para provocar o professor, mesmo sabendo que não estão certos. Diferente das professoras, as quais se queixam sem perceber que alguns comportamentos delas que provocam certas respostas dos alunos.

Do segundo até o oitavo encontro as mesmas queixas são retomadas e novamente relatadas encontro após encontro. Esta fala constante é que permite um movimento, o qual ocorre no oitavo encontro. Este foi realizado com os professores que, ao falarem da superioridade que eles entendem que certos alunos demonstram ter sobre os professores e também sobre os colegas que são mais humildes, uma das professoras produz um ato falho quando diz: “[...] mas eu me critico,(...) Opa (...), não critico esses alunos pois eles são muito criativos, sempre a frente... Mas parece que a escola tem de



ser só para eles, mas são sempre alunos dez, ótimos.” Neste momento os outros professores passam a discutir esta questão: se eles são alunos dez porque são problema?

Entendemos por ato falho, na psicanálise, um instrumento poderoso de manifestação do conflito inconsciente, o qual produz tomada de consciência e movimento de comportamentos e posturas. Nesse sentido observamos uma mudança na escola F.

No décimo segundo encontro ocorrido com os professores, ao falar do quanto os alunos se isolavam entre os próprios alunos - e que dever-se-ia fazer trabalhos de socialização com todas as turmas, já que estes também se isolavam dos professores-, não participavam sua vida a esses professores, (o que fazia que mesmo que os professores quisessem entender os problemas destes, dessa forma, não conseguiam), uma das professoras diz: “Mas e a gente...dentro mesmo da sala dos professores e no nosso trabalho, nós nos isolamos...”

Isto mostra uma queixa que era colocada nos alunos retornar ao professor, é a tomada de consciência. Ao final deste encontro foi pedido a psicóloga que começasse a fazer um trabalho com os professores que eles mesmos chamaram de “contra o isolamento dos professores”.

No décimo quinto encontro discutiram muito sobre o conteúdo que se dava aos alunos pequenos, principalmente de terceira e quarta séries, afirmando que entendiam que eram muito avançados para crianças desta idade, entendiam que exigiam demais: “eles são tão novinhos, tão crianças...” Alguns professores começaram a trazer exemplos de sua prática cotidiana que confirmavam que os alunos estavam indo além destas expectativas, aos poucos eles foram percebendo que muito desta colocação vinha dos professores: então afirmam: “é, mas eles dão conta”. Isto demonstra o questionamento e talvez o início da superação de uma maneira infantilizada de ver o aprendiz, dominante nas instituições de ensino, a qual produz e alimenta a infantilidade e passividade no meio educacional, tanto do aluno quanto do professor.

Este trabalho durou ainda algum tempo, o que possibilitou perceber mudanças na maneira em que os professores viam os alunos, e que, conseqüentemente, foi mudando as relações entre professores e alunos dentro e fora da sala de aula.



O trabalho da psicologia, principalmente da psicanálise não é uma prática comum dentro das instituições de ensino, pelo menos não na forma de um trabalho institucional, é mais comum na forma de atendimentos clínicos, atendimentos em salas de recursos, etc... Porém, este trabalho é muito produtivo, necessário e produtor de bem estar dentro das escolas, como nos confirma o exemplo acima narrado. Didier Anzieu nos fala da importância da utilização da psicanálise em qualquer trabalho que envolva o inconsciente grupal:

Não existe até agora nenhum outro método geral, senão o psicanalítico, que seja utilizável para a produção e o tratamento dos efeitos do inconsciente em condições científicas [...]. Não há em princípio nenhum campo de manifestação dos efeitos do inconsciente ao qual não seja aplicável o método psicanalítico, [...] (ANZIEU,1993,p.2)

Para trazer um pouco de nosso trabalho como psicólogos, o qual tem como alicerce a fala, e também a importância dele, me referenciarei no psicanalista Didier Anzieu. Em sua obra ele nos coloca o porquê de trabalharmos com a linguagem, como ela determina o caráter de um grupo:

[...] a rede de regulamentos implícitos ou explícitos, de costumes estabelecidos, de ritos, de atos e fatos com valor de jurisprudência, as atribuições de lugares dentro do grupo, as particularidades da linguagem falada entre os membros e conhecida somente por eles. Essa rede, que contém os pensamentos, as palavras, as ações, permite ao grupo constituir um espaço interno (que proporciona um sentimento de liberdade na eficiência e que garante a manutenção das trocas intra grupo) e uma temporalidade própria (compreendendo um passado de onde tira sua origem, e um futuro de onde projeta cumprir suas metas). Reduzido a sua trama, o envelope grupal é um sistema de regras (...) Assim que seres humanos se reúnem para trabalhar, se distrair, se defender, roubar e matar, crer, mudar o mundo, serem instruídos ou tratados, sentimentos os invadem, os agitam, desejos, medos angústias os excitam ou os paralisam, uma emoção comum se apossa deles e lhes dá uma impressão de unidade, as vezes várias emoções se debatem e rompem o grupo, as vezes vários membros se fecham e se defendem contra a emoção comum que sentem como ameaçadora, enquanto outros a ela se entregam com resignação, alegria, entusiasmo; [...]

(ANZIEU,1993,p.21)



E é pela variedade de pessoas, e portanto, também pelas diversas formas que essas emoções podem ser recebidas por cada um, que se formam conflitos. Afinal, a psicanálise acredita que nos constituímos a partir da linguagem, e esta é interpretada por cada um de uma forma, podendo, em alguns aspectos, ser interpretada de uma mesma maneira por um conjunto de pessoas que se constituem, então, num grupo. Essas construções da linguagem não são conscientes, pelo contrário, são inconscientes e por isso não são percebidas pelas pessoas no cotidiano da instituição.

Por trabalhar-se com o inconsciente percebe-se uma maneira particular de intervenção com o grupo da escola F, não a partir de constantes interpretações e falas diretas relacionadas à problematização, mas sim, um percurso de questionamento e pensamento, o qual caracteriza o que chama-se de tomada de consciência. Por trabalhar-se com questões inconscientes a interferência direta pode despertar resistências que impedem o avanço da tomada de consciência.

O que ocorre para a construção de um grupo, então, segundo Anzieu, é que o eu individual de cada um (o inconsciente individual) é projetado para o externo (para o grupo) e a união de todos esses inconscientes individuais, juntamente com a cultura, formam um grupo com suas características próprias, a partir do que aparece em comum entre todos estes indivíduos.

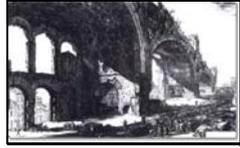
É só a partir dessa união de pessoas como grupo que pode haver uma proteção desse mesmo grupo a regras e leis alheias a ele, as que vem do exterior e, também, do que vem dos membros individuais desse grupo, mantendo-se assim esse conjunto de pessoas com suas características específicas. Pois há leis dentro de grupos que são destoantes



daquelas que circulam em outro grupo ou na cultura e a forma de assegurá-las é a partir do próprio grupo pois se todos desse grupo fazem, cada um se sente liberado para fazer também. Mesmo assim, há sempre as individualidades de cada um as quais podem ameaçar o grupo, pois o indivíduo tem de abandonar certas identidades individuais a fim de se encaixar num grupo e isso nunca é tranqüilo, além disso, justamente pelo grupo ser constituído a partir da união de muitas individualidades, pode o indivíduo não se reconhecer mais no grupo. Tudo isso pode gerar sofrimentos, tanto no trabalho como nas relações sociais.

Quando falamos em união de inconscientes individuais, que projetados para o externo e somados com a cultura, produzem um grupo, estamos falando do discurso educacional construído para e pela professora. Tanto quando falamos do contexto geral desta problemática, ou seja, a professora passiva que produz e mantém a opressão de seus alunos, ou então, quando trazemos esta questão para dentro de uma escola específica, para suas particularidades e discursos próprios, estamos falando de inconscientes grupais e de necessidades de encontrar maneiras de deslocar esses sofrimentos. Afinal, é a partir da união das professoras em cada grupo específico e em cada escola que estas se protegem dos discursos sociais que poderiam desconstruir ou reformular uma prática que não atende mais as necessidades atuais, e que, podem impedir também que as personalidades individuais do próprio grupo intervenham com posturas diferenciadas, as quais poderiam modificar a visão do grupo. É também, a partir da construção de diversos grupos nas escolas, grupos estes com estruturas semelhantes, que se constitui o discurso educacional de passividade.

A partir disso, então, muitos conflitos ou fenômenos coletivos podem surgir,



muitas construções as quais nunca podemos prever por serem elaborações muito específicas do grupo, elaborações estas que são inconscientes. “São variados, e em grande parte imprevisíveis, os destinos dos grupos, em razão do papel, muitas vezes decisivo, das personalidades individuais.”(ANZIEU,1993,p.XXII). Por serem questões inconscientes, com destinos imprevisíveis, é que acreditamos que para este tipo de trabalho o referencial psicanalítico é o aconselhado, por respeitar a particularidade de cada grupo e seu sofrimento específico a partir de um trabalho (a exemplo da escola F) que deslize a construção inconsciente imaginária deste grupo.

Anzieu esclarece, em relação a isso, como funciona esse tipo de trabalho, que é um método científico onde a cada tipo de comportamento observado corresponde uma hipótese que o justifique e toda a hipótese se apóia num outro comportamento significativo e preciso, esta hipótese tem de caber em hipóteses referentes ao campo da psicanálise, bem como ser deduzido de hipóteses que já existem nesse campo.

O principal instrumento desse trabalho, nesse sentido, é a escuta, referencial que guia os profissionais advindos de nosso curso e que sustenta nossa ética, sendo que essa escuta deve fazer parte de qualquer trabalho que o psicólogo realiza dentro da instituição. Por tal importância, a escuta deve ser permeada por uma constante supervisão do profissional psicólogo, a qual impreterivelmente deve fazer parte de toda a vida profissional deste, pois a marca desse profissional é o lugar terceiro, “o profissional de borda” aquele que consegue perceber coisas que fazem parte do cotidiano daqueles que trabalham e da história da instituição, a qual marca características desta. Essas especificidades por serem tão próprias da instituição se tornam muito naturais às pessoas que trabalham nesse meio, a ponto de não serem percebidas como constituintes de causa de sofrimento. Assim só a



supervisão pode indicar quando esse profissional está agindo também dentro desse cotidiano, o que impossibilita seu trabalho.

Então, a partir da escuta do inconsciente, que vem pelas entrelinhas da fala e também por acontecimentos observados, podemos, segundo Anzieu, realizar uma interpretação e posterior intervenção que de forma alguma é como a intervenção individual (apesar de realizarmos leituras individuais com a intenção de auxiliar a leitura grupal) – a leitura coletiva não é tão profunda como a individual que provoca uma mudança de posição subjetiva em cada sujeito- a leitura coletiva vai intervindo no conflito atual do grupo. O que não significa que é simples pois, segundo esse mesmo autor, algo construído psiquicamente pelo grupo pode ser mais forte que as construções individuais.

Diferentemente da interpretação “mutativa” própria do tratamento individual, e que toca o dedo na repetição de uma situação infantil num conflito atual, a interpretação grupal é não histórica: ela anuncia angústias, defesas e desejos inconscientes atuais, quer dizer, incide exclusivamente no “aqui agora” do grupo; a interpretação não é feita individualmente a um participante; é endereçada coletivamente ao conjunto. (ANZIEU,1993,p.15)

Quanto a intervenção, esta nunca está pronta antecipadamente, afinal a diversidade individual forma grupos com características imprevisíveis, dessa forma, a melhor maneira é que o próprio trabalho com o psicólogo vá direcionando a seqüência do trabalho psíquico grupal. É o que vai ocorrendo de forma muito natural na escola F.

A maior satisfação deste trabalho aqui relatado não é a mudança na opressão da professora, no lugar construído e que se constrói a cada dia para ela, ou seja, o de



professorinha infantilizada, sempre colocada no lugar de mãe, tia, sem sexualidade, o que a conduz a colocar-se nesta posição em qualquer espaço de sua vida e que faz com que questionemos: onde fica a professora enquanto mulher? O deslocamento de tudo isso exige uma mudança discursiva na educação, a qual não é nada simples. Em compensação, podemos perceber uma mudança no sofrimento e no comportamento de professores e alunos numa determinada escola. Mas e não seria assim o início de todas as grandes mudanças?

BIBLIOGRAFIA:

ANZIEU, Didier. O Grupo e o Inconciente – o imaginário grupal, São Paulo, casa do psicólogo, 1993.

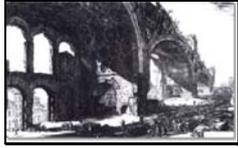
FERNANDEZ, Alicia. A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **A inteligência aprisionada.** 2ª ed. Porto alegre: Artes médicas, 1991.

FREIRE, Paulo, Pedagogia do Oprimido, Paz e Terra, 3ª ed. Rio de janeiro, 1975.

MARQUES, Mario Osório. **Conhecimento e Modernidade em Reconstrução.** Ijuí: Ed. Unijuí, 1993.

I SEMINÁRIO NACIONAL, IV SEMINÁRIO REGIONAL E XI SEMINÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO: Palestra de Miguel Arroyo proferida em Panambi em 21 de junho de 2006.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.
